

## PAISAGEIRO: UMA ENTRE-TESE MUSICAL

Lucas Manassi Panitz<sup>1</sup>

Paisagem + Passagem + *Pasajero* + *Paisajero* = Paisageiro

### PRELÚDIO

O relato que segue é um percurso de um geógrafo-artista em direção ao artista-geógrafo. Se refere ao processo criativo musical que se desenrolou durante a escrita de uma tese. Tendo escolhido um caminho de pesquisa que colocava a música como foco das minhas indagações geográficas, sempre me perguntei quais os motivos que fizeram com que tal escolha tenha se dado de forma tão decisiva. Mas mais do que isso: sempre procurei dar vazão a um processo de composição do texto geográfico e da canção, que se misturassem e se comunicassem entre si. Desta maneira, na escrita da tese de doutorado (“Redes musicais e [re]composições territoriais no Prata: por uma Geografia da Música em contextos multi-localizados”, defendida em 2017 na UFRGS), busquei expor a feitura das minhas canções e experiências musicais paralela aos capítulos “oficiais”. Inspirado nas páginas amarelas da dissertação de mestrado de Nilo de Lima (defendida em 2002 na USP), imprimi os textos em folhas azuis, misturando-as em meio aos capítulos da tese. Paris, Bordeaux, Portugal, Madrid e Sevilla, conformou uma rede de lugares que se transformou em um repertório musical composto durante a escrita da tese e que compõe o “**Paisageiro: [Entre-tese]**”, que passo a relatar, misturando notas de caderno de campo, memórias, canções e reflexões em forma de ensaio.

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul. lucas.panitz@ufrgs.br.

✉ Campus Litoral Norte, Km 92, RS-030, 11.700, Tramandaí, RS. 95590-000.

## PAISAGENS E PASSAGENS: A ESSÊNCIA DO PAISAGEIRO

Estou sentado na ponta da *île-de-cité*. Seis jovens parisienses fumam um baseado, provavelmente comprado na periferia norte de Paris, aonde Cristiano Nunes Alves, meu amigo geógrafo, ia semanalmente para entrevistar alguns músicos *rappers* (franceses da segunda geração de imigrantes), para sua pesquisa de doutorado. Em frente a mim, uma francesa fala um inglês estadunidense perfeito com um chinês; um indiano vende bebidas e fala inglês com os franceses. Do outro lado da margem, (ou)via-se há pouco alguns professores de dança ensaiando salsa na praia artificial do Sena. A cidade está cheia de italianos, tirando fotos e prendendo cadeados na *Pont Neuf*. Há pouco tempo atrás eu descia de *Montmartre* de bicicleta ouvindo Piers Faccini – compositor ítalo-inglês que vive no interior da França e que produziu o disco da porto-alegrense Dominique Pinto, que eu havia entrevistado no dia anterior. No dia anterior à entrevista, eu e meu amigo geógrafo Jodival comentávamos o quão importante é ouvir Nina Simone para escrever uma tese de doutorado. Discutíamos Latour, Amazônia, capitalismo verde, Hannah Arendt, música platina, greve dos professores no Brasil e o avanço das bancadas conservadoras no Congresso. Antevíamos, ainda sem muito rigor analítico, o desastre social que se instalaria no país nos sete anos seguintes. Meses antes, em uma conferência de pesquisa do meu co-orientador Yves Raibaud, ele e seu filho, conduziram uma apresentação musical no salão térreo da *Maison des Suds*, na *Université Bordeaux 3*. Dois casais acompanhavam a apresentação, mostrando danças típicas do sudoeste da França e da península ibérica, e suas raízes celtas que vêm sendo resgatadas e reformulada pelos jovens artistas europeus. Em *Madrid*, ao me reencontrar com a cidade depois de quatro anos, cantarolei no gravador os primeiros versos de “Pedacões”. Nas semanas seguintes, *Bordeaux* e toda a costa atlântica francesa presenciaria a chegada do furacão Joachim, que dá nome a uma nova canção. Em Sevilha, a convite de Richard Serraria, participo de um show no bar *La Estación*, cantando “O Mapa”, canção que compus logo após minha formatura em Geografia. Meses mais tarde estaria cantando “Tudo é Importante” em Paris e Braga (Portugal), canção em parceria com o compositor Tiago Fischer, composta para nosso repertório “Transatlântico, a Canção”. Alguns anos após, eu terminaria “O mar é um só”, canção que levou seis anos para ser concluída, prolongando para o repertório “Paisageiro”, aquilo que já vinha escrevendo no “Transatlântico”. É nesse vai-e-vem cronológico, de memórias e anotações, de experiências geográficas e musicais, que se constitui o “Paisageiro”, neologismo derivado das palavras “passageiro” e “paisajero” em língua espanhola. Passo então a mostrar algumas canções e contextos que são parte desse repertório, parte dele apresentado na mostra cultural do “X Seminário Nacional sobre Geografia e Fenomenologia”<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Agradeço aos professores Ronaldo Brillhante e Eduardo Marandola Jr. pela possibilidade de fazer parte dessa Mostra Cultural do X SEGNUM.

## JOACHIM, O TEMPORAL

Joachim, a tempestade assim nomeada pelos meteorologistas, chegou na costa atlântica francesa na noite de 15 para 16 de dezembro de 2011. Ventos de 120km foram registrados na planície girondina, embora tenham chegado até os 210 no departamento de *Puy-de-Dôme*, no *Massif Central* francês. Os noticiários indicavam que ninguém deveria sair naquela noite, evitar o uso o carro e manter-se longe da costa, pois ondas gigantescas fariam estragos consideráveis. No final da tarde já se podia notar o quão vazio estava o centro, ventos gelados, porém fracos já sopravam. Foi no início da noite que a tempestade mostrou sua cara. Da janela do meu quarto, pude notar o silêncio que vinha do bairro judaico – janelas já apagadas, os carros já estacionados ao longo da estreita *Rue Sullivan*, em *Bordeaux*. Todos os olhos estavam nos noticiários, para acompanhar a evolução da tempestade. Vi chegar as primeiras rajadas de vento, antenas e árvores dobrando-se ao vento, sacudindo as janelas, o frio tornando-se mais intenso na rua, mas também no ânimo de quem, sozinho em outro país, acompanhava tal evento. Pensei nas milongas essenciais de Vitor Ramil no disco *Longes*, um disco de textura gelada e melancólica. Foi a partir dele que escrevi esta canção, que é nada mais do que a descrição viva de momentos de apreensão durante a passagem desta tempestade – que por sinal, lembra Vitor Ramil por causa da semelhança com Joquim, sua releitura para Joey de Bob Dylan. Alguns versos da terceira estrofe são traduções de falas do noticiário – único meio de contato com o exterior ao longo da tempestade.

No final do ano de 2014, em Pelotas, eu e Tiago Fischer gravamos três canções do “Transatlântico, a Canção”, dentre elas, “Joachim”. A locação foi nas ruínas do Campus Anglo da UFPel, que magicamente se colava ao imaginário da canção, como se ela tivesse sido gravada após o temporal. A intuição de Fischer, a iluminação do local e o balanço de cores da câmera de gravação de um celular, colaboram para que efeitos se incorporassem ao vídeo<sup>3</sup> sem qualquer edição posterior.

<sup>3</sup> Conferir: [https://youtu.be/\\_oKYFNh4fAc](https://youtu.be/_oKYFNh4fAc).

Hoje nem pensar em sair de casa  
Joachim, o temporal que chega do Atlântico  
Janelas fechadas, luz apagada  
olhos no noticiário: quando isso vai passar?  
As ruas vazias, um gole quente  
plantas no jardim se deitam para Joachim  
Quando ele vai chegar?  
Quando é o seu fim?

**As vagas no mar cresceram, tenham cuidado**  
**Consultem a rádio antes de sair**  
**Por precaução hoje não usem o carro**  
**Joachim está por vir**  
Longe vejo antenas já se dobrando  
Um cinza estranho chega por aqui  
Tranquem bem as portas, tenham cuidado  
Chegou Joachim...

## O MAPA

Em Sevilha, a convite de Richard Serraria, participo de um show no bar *La Estación*, cantando “O Mapa”, canção que compus logo após minha formatura em Geografia. Nesta canção trago várias imagens que me remetem à vivência enquanto pesquisador, estudante de Geografia e viajante. A estória se desenrola a partir da ideia de alguém que abre um mapa, já fazendo alusão ao clássico “*Nuestro norte es el sur*”, de Joaquín Torres Garcia, e começa a confundir as linhas do relevo com as linhas de uma pauta musical. Ela faz referência à “Milonga de Sete Cidades”, de Ramil, e também à canção “*Tierra Adentro*” de Ana Prada. O cantor, que vai abrindo um mapa e aos poucos vai na verdade vendo uma representação de si mesmo. Como um jogo sobre o conto “Do rigor na ciência”, de Jorge Luis Borges, o cantor se vê refletido na escala 1:1, como se a representação do que vira se espelhasse em tamanho e medida perfeita ao mundo e a si mesmo. “Fundo ele estava, e o mapa era eu”, significa que ao adentrar naquela representação geográfica que buscara – um mapa que se expressasse em música – o cantor acaba por encontrar a si mesmo, como personagem principal de sua invenção.

Originalmente esta canção vinha acompanhada de um trecho sorteado ao azar em *Martin Fierro*, de José Hernandez. Posteriormente, ao tocá-la em Sevilha com Richard Serraria, no bar *La Estación*<sup>4</sup>, ele inseriu um trecho de uma canção do seu primeiro disco “Vila Brasil”. Assim, o diálogo inicialmente acadêmico que estabeleci com Richard se transformou numa participação da sua arte na minha, criando atravessamentos inusitados e altamente emotivos. Apesar de tê-la escrito antes mesmo do início desta tese, considero “O Mapa” minha canção-manifesto mais clara. Um mapa de onde saem canções e acordes, na verdade reflete a própria busca de dar sentido à geografia e à música que o pesquisador-cantor carrega.

<sup>4</sup> Conferir: <https://youtu.be/eo3apYovGgs>.

Quando eu vi não pude compreender  
Um mapa com norte apontando pro sul  
Peguei guardei levei pra decifrar  
Abri escutei alguém cantar  
Foi quando ouvi algo tão singular  
Acordes desenhados sobre paisagens  
Cidades com nome de músicas  
Campo e miragem nas nuvens

Quanto mais eu ouvia estava todo aquele mapa em mim  
Cada canto de mar  
Quanto mais eu queria entrava terra adentro e o mapa comigo  
Fundo ele estava  
E o mapa era eu.

## PEDAÇOS

Um prédio modernista do Bom Fim lembra outro do bairro Chamberí. Uma rua madrilena com ligustros enfileirados exala o cheiro do verão sulino. As planícies litorâneas e as fachadas francesas de Pelotas transpõem *Bordeaux* para a intuição, ao mesmo tempo em que seu cheiro de lenha das *parrillas* à noite nos transporta para as ruas de Montevideú. Os pedintes na boca do metrô de Paris se assemelham àqueles do Rio de Janeiro – nos lembram que a miséria e a fome se multiplicam globalmente.

Ao me reencontrar com a cidade de Madrid depois de quatro anos (havia morado lá em 2007, quando estudante de intercâmbio), surgiram os primeiros versos de “Pedaços” enquanto eu flanava pelo barulho e trânsito caótico da avenida *Gran Via*. A ideia teve seu germe justamente durante o intercâmbio, quando tive contato pela primeira vez com a literatura seminal da Geografia Humanista espanhola, como Aurora Ballesteros e Joan Nogué, e a Geografia Cultural anglófona. Esses aportes, para além da influência na escrita de textos geográficos, me trouxeram uma consciência maior da dimensão simbólica e sensível do espaço geográfico. À medida em que transitamos pelos lugares, deixamos um pedaço de nós. Já não somos mais de um lugar, mas de vários. As memórias afetivas ancoram experiências futuras e se confundem no presente. A melodia de “Pedaços”<sup>5</sup> é a mais simples possível, e possui referências às canções “*Delicate*” de Damien Rice e “*Anything Wrong*” de Lhasa de Sela. Apenas dois acordes e uma passagem. Não havia mais nada que adicionar.

<sup>5</sup> Conferir: [https://youtu.be/KYwzDZ9\\_yGA](https://youtu.be/KYwzDZ9_yGA).

Outros pedaços de mim ficaram por lá  
Não pude evitar, o espaço é assim:  
Move e deixa, nunca tem fim  
Outro pedaço de mim ficou onde está  
Quis tanto voltar pra perto do sim  
Abre e canta, sorri, encanta,  
Move e espanta o medo de si

Outros pedaços de mim ficaram por lá  
Na beira do mar, no encontro do rio  
Tudo o que eu era, pouco serviu  
Outro pedaço de mim foi pra me encontrar  
Em cada lugar de assombro que eu vi  
A terra santa, d’alma mundana  
Voa e flana sem medo de si.

## O MAR É UM SÓ

Nos tempos de graduação, pensava sempre na vastidão dos oceanos e como eles se conectavam, formando uma coisa só. Ao tomar um banho de mar no litoral gaúcho, lembrei de uma experiência de outros mergulhos no mar Mediterrâneo. Em minhas divagações, me era cara a ideia de que as moléculas de água e sal, todas conectadas umas nas outras, podiam se transportar entre os oceanos em grandes viagens pelas correntes marítimas. Assim, eu poderia estar envolto – ali mesmo na praia de Tramandaí – no Mar Adriático ou em alguma ilha do Pacífico. Não importava muito se isso seria possível ou mensurável. A ideia de um grande mar era irresistivelmente maior do que qualquer argumento oceanológico.

Anos mais tarde, em um dia chuvoso no verão catarinense de 2013, escrevi os primeiros versos de “O mar é um só”, pensando que ela seria cantada por vários artistas e em diversas línguas. Retomei a canção uns quatro anos após, dando um fechamento à letra e deixando um espaço para interação com a plateia nos versos finais. Fiz alguns testes em pequenas apresentações, regendo a plateia a repetir como um mantra o verso “um só, um só” em diferentes notas, compondo um acorde.

Onda do mar senti  
Eu que atravesso  
Ou ela em mim? Não sei  
Quando ela vem e me leva  
Onda do mar eu vi  
Quebrando o litoral entre o mar e a areia  
Quando me vê e me leva  
Onda quebrando me leva

Onda do mar partiu  
Vibrou do outro lado do oceano  
Quando ela vibra te leva  
Onda vibrando me leva  
Mas onda do mar sumiu  
Dissipou por outras vidas no mar  
Onda que a nós todos leva  
Onda que nós todos leva

O mar é um só  
A terra é que canta o mar  
O mar é um só O mesmo que banha o mapa  
O mar é um só / A Terra é que canta pra beira do mar  
O mundo todo numa gota só

Um só, um só.

### PÓSLUDIO: TRAVESSIAS DA GEOGRAFIA PARA A MÚSICA E VICE-VERSA

É nessa profusão de eventos, vínculos, deslocamentos e composições, que é possível apreender a ideia de um Paisageiro. Enquanto passageiros, assimilamos vagamente a substâncias das coisas, cruzamos territórios, pintamos quadros impressionistas na memória. Enquanto *paisajeros*, mergulhamos nos detalhes, compreendemos nossa conexão profunda com as paisagens e territórios em que vivemos e como estes constroem nossa percepção e identidade. Entre passagens e paisagens, vamos assimilando o mundo e produzindo-o dentro e fora de nós – sempre com contornos e matizes indefinidos, sempre em aberto.

Expus neste texto, de maneira bem autobiográfica, algumas reflexões que venho fazendo em minhas travessias geográficas e musicais. Nós, geógrafas/os, temos muito receio de colocarmos nossa face autoral no texto científico. Muitos acreditam que, ao expor nossa implicação com a pesquisa, perdemos uma suposta objetividade científica e, com isso, o rigor e a seriedade. Não somos pesquisadoras/es apenas quando sentamos em frente ao computador ou quando realizamos nossos trabalhos de campo. A geografia, diz Denis Cosgrove, está em toda a parte. No plano criativo-artístico, por exemplo, somos alimentados constantemente pelas nossas teorizações e experiências geográficas, ao mesmo tempo em que nossas experiências artísticas nos abrem novas reflexões geográficas. Quanto mais realizamos travessias, mais aprendemos a ler, sentir, cantar e geografiar o mundo de outra maneira. ☺